

Comentários ao Trabalho do Sr. Baldwin

JACOB VINER

Estou muito de acôrdo com a idéia de se examinar a validade da doutrina recém-expressa, de que há uma tendência básica e pronunciada no sentido da piora da relação de trocas dos países de produção primária com os países industrializados. Considero o argumento geral do Sr. BALDWIN bastante convincente, especialmente quando êle levanta as mesmas dúvidas que eu já havia lembrado nas minhas conferências proferidas na Fundação Getúlio Vargas em 1950.

O exame do problema exige, porém, antes de mais nada, a análise objetiva e cuidadosa dos fatos que dizem respeito ao *trend* da relação de trocas no século passado. Em segundo lugar, é necessária uma análise teórica sistemática da repercussão desse *trend* para o bem-estar, tanto dos países industrializados como dos países de produção primária, e daquilo que pode ser feito no plano nacional ou internacional, para alterar a relação de trocas caso se verifique que ela não é o que deveria ser, de acôrdo com o pensamento de pessoas razoáveis. Nenhuma dessas duas tarefas tem sido cumprida até agora de maneira satisfatória. Todavia, o que mais falta é o exame dos dados.

O Sr. BALDWIN interpreta as estatísticas disponíveis com mais cuidado do que é moda atualmente, mas não leva seu cepticismo até o ponto que me parece não sòmente aconselhável como obrigatório para o economista profissional, especialmente em se tratando de dados que precedem a primeira guerra mundial. Êle não acentua suficientemente os problemas decorrentes dos métodos de compilação das séries de preços com base nas quais, foram computadas as tendências das relações de troca; a suficiência das amostras; o fato de não se ter levado em consideração as modificações nas qualidades dos produtos e o aparecimento de novos

produtos e o desaparecimento dos produtos antigos no comércio nacional. No caso dos dados ingleses tão utilizados, a aceitabilidade do cálculo baseado em séries de preços, que representam o quociente do valor total da importação de classes compostas de mercadorias heterogêneas, pela respectiva tonelagem, quando se sabe que a composição dessas classes tem variado fortemente durante o período em aprêço. O Sr. BALDWIN faz bem em acentuar o significado da queda relativa nos fretes marítimos em relação aos preços das mercadorias transportadas no século passado, quando ele interpreta a tendência da relação de trocas. Ele deixa, porém, de insistir no paradoxo aparente de que é possível para as relações de trocas melhorar simultaneamente ambos os países, quando essa relação é calculada F. O. B. pôrto de exportação, para as exportações e C. I. F. pôrto de importação, para as importações, desde que nenhum dos dois países transporte as mercadorias em seus próprios navios ou desde que os fretes não se incluam no grupo de itens com relação aos quais se calcula a relação de trocas. Seria difícil sobrestimar a pouca confiança que merecem as séries de preços em que se baseiam as conclusões relativas às tendências da relação de trocas do passado, entre países industrializados e produtores de matérias-primas, ou de exagerar a falta de cuidado científico com que se tem deduzido as conclusões relativas à política econômica a ser seguida, em virtude das referidas tendências, especialmente quando estas têm sido deduzidas dos dados ingleses. O Sr. BALDWIN nota a ausência de séries de relações de trocas, calculadas com base em dados dos próprios países não industrializados. Existe, porém, pelo menos um país, a saber, a Índia, que possui uma série oficial de estatísticas de relações de trocas desde 1861. Em virtude da amostra em que se baseia esta série e dos métodos utilizados para sua compilação, a referida estatística é superior a qualquer série baseada em índices de preços ingleses. Para aqueles que têm insistido na piora da relação de trocas em prejuízo dos países menos desenvolvidos, os dados da Índia, entre 1861 e 1918 deverão conter alguma surpresa.

•

NÚMEROS-ÍNDICES DE PREÇOS DA ÍNDIA *

(1873 = 100)

| A N O S | Exportação | Importação |
|------------|------------|------------|
| | Preços | Preços |
| 1861 | 88 | 95 |
| 1870 | 105 | 95 |
| 1880 | 110 | 88 |
| 1890 | 104 | 91 |
| 1900 | 124 | 96 |
| 1910 | 127 | 109 |
| 1913 | 154 | 117 |
| 1918 | 199 | 289 |

* Departamento de Estatísticas, Índia. Números Índices de Preços da Índia, 1861-1918. (no. 996). Calcutá, 1919.

O Sr. BALDWIN apresenta dados pelos quais pretende representar a diferença entre as elasticidades-renda dos gêneros alimentícios e de outros produtos, diferença essa que resultaria da Lei de Engel. Essa demonstração seria suficiente para provar o argumento de BALDWIN apenas se todos os gêneros, que entram no comércio exterior, fôsem adequadamente representados pelas poucas mercadorias que êle cita. Como demonstração de funcionamento da Lei de Engel, êsses dados seriam adequados somente se se pudesse admitir uma grande constância, através do tempo, dos preços relativos, das preferências dos consumidores, da distribuição da renda, etc. Na pág. 5 a elasticidade-renda é definida como uma relação entre a renda real e as quantidades físicas dos bens adquiridos; mais adiante a mesma elasticidade-renda é interpretada como relação entre renda monetária e despesa monetária, com determinadas categorias de produtos. Não nos parece ser isso uma base segura para se chegar a conclusões relativas a política econômica a ser seguida.

O Sr. BALDWIN parece aceitar o argumento do Dr. PREBISCH de que a existência de monopólios dos países industriais (a determinação de salários através de negociações coletivas tem sido considerado um aspecto dêsse monopólio) impede que os compradores dos países subdesenvolvidos participem dos benefícios do progresso econômico. Para justificar essa conclusão, seria necessário

que algumas das condições seguintes fôsem satisfeitas e talvez mesmo que fôsem satisfeitas tôdas essas condições:

a) a tendência no sentido do monopólio deverá ser mais rápida no comércio da exportação de produtos industriais, do que no comércio da exportação de produtos primários; alternatively, a tendência no sentido do desaparecimento do monopólio, deveria ser mais lenta no primeiro do que no segundo comércio;

b) o progresso tecnológico deve ser mais rápido na indústria do que na produção primária;

c) deverá haver uma tendência pronunciada no sentido de, na existência de um monopólio, evitar que as reduções de custo se reflitam nas reduções de preços;

d) a tendência no sentido do *dumping* das indústrias monopolizadas não deve aumentar.

Todos êsses fatores são de importância para o problema em apêço, porque o que está sendo examinado, não é uma inflação absoluta mas o respectivo *trend*.

Meus conhecimentos a êsse respeito são absolutamente insuficientes mesmo depois de ter lido os comentários, do Sr. BALDWIN, do Dr. PREBISCH e também do Prof. COLIN CLARK. Os trabalhos históricos básicos que seriam necessários, ainda não foram compreendidos. As negociações coletivas nos países industriais contribuem para uma tendência: a alta dos preços (nas respectivas moedas) dos produtos industriais, mas o que é preciso demonstrar é que a inflação dos preços de exportação é maior do que a inflação dos preços de importação. Os empecilhos à importação devem ser considerados como instrumento para permitir a organização e o exercício do poder monopolista de uma nação — tendem a menorar a relação de trocas da nação; todavia resta ainda demonstrar que as barreiras à importação dos países industriais, têm aumentado na sua capacidade de permitir a obtenção de vantagens monopolistas, relativamente aos direitos, cotas, impostos de importação e esquemas de valorização dos países de produção primária. Tampouco é óbvio que, havendo uma tendência geral no sentido da inflação de preços (como já tem acontecido, embora com interrupções, desde o início do século), o monopólio acentua a tendência à inflação, em relação ao que aconteceria em condições de competição. Não é claro que o progresso tecnológico tenha sido maior na indústria do que na produção primária; a produ-

tividade por homem-hora ou por homem, pode levar a conclusões erradas, quando o ritmo da utilização do capital por homem-hora ou por homem, tenha aumentado com maior rapidez na indústria do que na produção primária. A comparação de *trends* de preços entre países, definidos em termos das respectivas moedas, pode também levar a conclusões erradas relativamente ao *trend* das relações de trocas, desde que as taxas de câmbio se tenham alterado substancialmente, como causa, consequência ou independentemente.

Por estas e outras razões, aconselho grande cuidado em se chegar a conclusões relativamente a *trends* de relações de trocas no passado, até que se tenham acumulado mais e melhores dados. Igualmente, aconselho muito cuidado no que diz respeito à política econômica destinada a alterar a relação de trocas, até que exista melhor análise teórica da importância da relação de trocas para o bem-estar nacional. Um aspecto dessa análise que não deveria ser descuidado é o efeito do aumento da população sobre a relação de trocas, através dos respectivos efeitos sobre a renda total e a estrutura da produção e do consumo, e, por conseguinte, sobre saldos de exportações e *deficits* de consumo.

SUMMARY

In this note Professor VINER reviews the earlier published article by BALDWIN on the development of the terms of trade of underdeveloped countries. His first conclusion is that a more thorough examination of the problem by mean of an objective survey of the facts is required. Secondly that a systematic theoretical analysis of the significance of the trends has to be made.

Although BALDWIN shows greater caution than is the fashion, he does not go far enough in the sceptical direction as seems to be required. It is very difficult to overestimate the unreliability of most of the price series on which the conclusion as to past trends in terms of trade have been based, or to exaggerate the lack of scientific caution with which important conclusions were derived from them.

BALDWIN regrets the absence of terms of trade series for the non-industrial countries. In his note VINER shows an official terms of trade series for India going back to 1861 and which is superior

to any series relying on English price indexes. This series does not indicate at all a deterioration of the terms of trade of India from 1861 to 1918.

VINER also criticises the application of the law of Engel on which BALDWIN bases his computations of the differential income elasticities of foodstuffs and other commodities.

It is also pointed out that BALDWIN seems to accept PREBISCH's argument that the existence of monopoly in industrial countries operates to prevent underdeveloped countries from sharing in the benefits of technological progress. According to VINER such a conclusion could only be reached if quite a few more conditions were fulfilled. Furthermore the basic historical work necessary to justify the reaching of positive conclusions on these matters has not yet been done. It needs to be shown that collective bargaining in industrial countries produces more inflation in their export prices than in their import prices.

Professor VINER concludes in advising great caution in reaching conclusions as to the trend of terms of trade in the past until more and better data have been accumulated.

RESUMÉ

Dans cette note le Professeur VINER discute un article, publié par BALDWIN, sur le développement des taux d'échange des pays peu développés. Comme première conclusion il constate qu'un examen complet du problème et une observation objective des faits soient nécessaires. Ensuite, qu'une analyse théorique et systématique de la signification des tendances doit être faite.

Quoique BALDWIN ait démontré une précaution plus accentuée que d'ordinaire, il s'est ne pas assez engagé dans la direction sceptique.

Il est très difficile de sur-estimer le manque de précision de la plus part des prix sur lesquels sont fondées les conclusions sur les tendances des taux d'échange dans le passé, ou d'exagérer l'absence de précaution scientifique avec laquelle sont dérivées des conclusions importantes.

BALDWIN regrette le manque de données concernant les taux d'échange des pays non-industriels. Dans sa note, VINER indique qu'il existe des données officielles sur les taux d'échanges de

l'Inde, remontant jusqu'en 1861 et qui sont supérieures à n'importe quelle série se basant sur des indices de prix anglais.

Ces données n'indiquent point une détérioration des taux d'échange de l'Inde de 1861 à 1918.

VINER critique encore l'application de la Loi de Engel sur laquelle BALDWIN base les calculs des coefficients d'élasticité différentielle (en fonction du revenu) pour les produits alimentaires et autres produits.

Il est aussi noté que BALDWIN semble accepter la théorie de Prebisch selon laquelle l'existence de monopoles dans les pays industriels opère dans le but d'empêcher les pays sous développés à participer aux bénéfices du progrès technique.

D'après VINER, on pourrait seulement arriver à une telle conclusion si un nombre de conditions en plus soient remplies.

En plus, le travail historique de base, nécessaire à justifier des conclusions positives sur ces questions, n'a pas encore été fait. Il est nécessaire de prouver que les négociations collectives dans les pays industriels produisent plus d'inflation dans leurs prix d'exportation que dans leurs prix d'importation.

Professeur VINER conclut en recommandant une grande prudence avant de tirer des conclusions sur les tendances des taux d'échange dans le passé, jusqu'à ce que des informations meilleures et plus nombreuses soient accumulées.